

# CADERNOS 29

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Especial Japão

## Abandonar um gato: relações familiares e a guerra

*Ana Flávia Boschioli<sup>1</sup>*

Haruki Murakami é escritor e tradutor, nascido em Kyoto em 1949. Internacionalmente conhecido, é considerado um dos autores mais importantes da literatura japonesa contemporânea. Além de ter recebido diversos prêmios, tanto nacionais como internacionais, suas obras já foram traduzidas para mais de quarenta idiomas. Comumente, escreve obras do gênero romance, com teor surrealista e melancólico, nas quais costuma abordar questões relacionadas a seu país. Possui também algumas obras biográficas, como “Do que eu falo quando eu falo de corrida” publicado no Brasil em 2010, em que relata sua relação com corridas de longa distância.

Seguindo esse molde, “Abandonar um gato: o que falo quando falo de meu pai” relata, sob a perspectiva do autor, os acontecimentos da vida de seu pai, Chiaki Murakami, e daqueles que o rodeiam, permeando as consequências geradas pela guerra na vida, não só de sua família, mas de toda uma geração. O livro contém catorze capítulos curtos, nos quais o autor narra memórias e momentos marcantes, evidencia a complexidade que envolve as relações familiares, e reflete sobre os efeitos da guerra não apenas nos que participaram dela ativamente, mas de todos que a sofreram. Em seu posfácio, o autor discorre sobre seu processo de escrita e suas intenções para esta obra. Publicada no Japão em 2019 sob o título “*Neko o*

---

1 Estudante do curso de Licenciatura em Língua Japonesa e Respetiva Literatura da Universidade de Brasília e apreciadora da cultura e literatura japonesa.

*suteru: Chichioya ni tsuite kataru toki*”, foi publicada no Brasil em 2022 pela editora Alfaguara, com tradução de Rita Kohl e ilustrações de Adriana Komura.

A obra é biográfica, centrada na figura de Chiaki, e escrita em primeira pessoa, incluindo as percepções e sentimentos do autor sobre os fatos que compartilha. Para escrevê-la, Murakami reuniu informações retiradas de jornais da época e coletadas de seus familiares, e pesquisou os históricos acadêmico e militar de seu pai. Para tal, precisou reunir coragem e superar suas próprias inquietações.

Além de Chiaki e do autor, estão presentes na obra personagens que influenciaram diretamente a vida de ambos. Seu avô, Benshiki Murakami, monge principal em um templo de porte considerável em Kyoto. Sua mãe, filha primogênita de uma prestigiosa família de comerciantes de Osaka. Seu tio mais velho, Shimei Murakami, filho primogênito de Benshiki. E, finalmente, seu primo Jun’ichi, primogênito de Shimei, que auxiliou na coleta de informações para a obra.

“E foi assim que, numa tarde de verão, meu pai e eu fomos abandonar aquela gata à beira-mar” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 12). As lembranças do autor se iniciam com este relato, que deu origem ao título da obra. É uma memória dos seus tempos de infância e o estopim que o inspirou a escrever o restante do livro: o dia em que, acompanhado de seu pai, abandonou uma gata. Fazê-lo não possuía nada de anormal ou malvisto, era algo corriqueiro. Assim como era corriqueiro que as crianças fossem sozinhas à praia e aprendessem a nadar por conta própria, sem nenhuma supervisão. O próprio autor costumava se reunir com seus amigos para nadar na praia durante as férias de verão.

Outro costume comum na época, em famílias numerosas, era o de se enviar os filhos, exceto o primogênito, para estudarem em templos budistas como aprendizes. Benshiki Murakami, o avô do autor, era filho de agricultores e teve esse destino. “Ele se mostrou promissor e foi aprendiz em vários templos, até se tornar monge principal no templo An’yo-ji, em Kyoto” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 20-21). Foi neste templo que Chiaki Murakami nasceu. Segundo filho de seis, foi também enviado para estudar em outro templo, como filho adotivo. Porém, não se adaptou e voltou para casa, nunca mais sendo enviado novamente.

O autor se questiona se a experiência não causou algum tipo de trauma de abandono em seu pai. “Recordo a expressão que teve quando a gata que abandonamos na praia reapareceu em casa: primeiro espanto, depois admiração, e por fim alívio” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 32). As reações de seu pai o surpreenderam. Talvez por ter passado por uma situação semelhante reagiu dessa forma quando viu a gata, e talvez por isso nunca tenha compartilhado a história com ele. Foi por meio de seu primo Jun’ichi que tomou conhecimento sobre o fato.

Após retornar para o templo de sua família, Chiaki Murakami foi criado lá. Seu pai, Benshiki era um monge muito benquisto e detentor de uma saúde de ferro. Porém, quando o autor ainda era menino, acabou por falecer em um acidente envolvendo um trem. Então, os seis irmãos se reuniram para decidir quem herdaria sua posição no templo. “Até onde sei, os seus filhos foram educados para ser monges e tinham a qualificação necessária” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 26). Os irmãos costumavam se reunir no templo, todos os anos, para dividir as visitas aos fiéis do templo durante o festival *obon*, período de comemorações em que se acredita que os espíritos dos mortos voltam para visitar suas famílias.

No entanto, quase todos já haviam constituído família e possuíam outra profissão. O pai de Murakami era professor de língua japonesa em uma escola particular, seu irmão mais velho, chefe de seção na Receita, e o restante era professor ou estudante universitário. Além disso, dois dos filhos de Benshiki foram adotados por outras famílias, mudando de sobrenome.

Murakami acredita que seu pai possuía jeito para suceder o seu avô. Era sério e responsável, e, assim como Benshiki, era um bom orador. Além disso, sua fé era sincera. Todos os dias, ele recitava sutras em frente à estátua de um bodisatva. “Eu via algo de intenso e incomum em sua dedicação, algo que ia além de uma simples rotina diária” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 18). Apesar disso, ele já estava casado e tinha um filho, precisando pensar também em sua família.

Filha primogênita de uma família de comerciantes, a mãe de Murakami cresceu de forma muito diferente da que lhe seria exigida no templo e dificilmente conseguiria se adaptar. Além disso, a avó de Murakami era uma mulher rígida e severa e seria difícil para qualquer uma das noras viver ao seu lado. Suas preocupações com o que ocorreria geraram uma memória que ficou para sempre gravada na mente do autor: “Na noite em que recebemos a notícia de sua morte, quando meu pai se preparava para ir a Kyoto, lembro de ter visto minha mãe agarrada a ele aos prantos, implorando: ‘Aconteça o que acontecer, não herde o posto no templo!’” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 24). No fim, foi o primogênito de Benshiki, Shimei, que assumiu a função, por acreditar que era seu dever como filho mais velho. Hoje, é o seu primogênito, Jun’ichi que ocupa o posto.

Além da educação budista que recebeu em casa, após se formar no colegial o pai de Murakami ingressou na Escola de Estudos Seizan. Hoje conhecida como Faculdade Kyoto Seizan, era, naquela época, uma instituição voltada exclusivamente aos estudos budistas. “Embora durante os quatro anos de curso tivesse direito a adiar o serviço militar, como se esqueceu de realizar os trâmites necessários (foi o que ele me contou), em agosto de 1938, aos vinte anos, precisou interromper os

estudos e se alistar” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 36), deixando para trás o ambiente pacífico das montanhas de Kyoto e partindo rumo aos campos de batalha.

Logo após o seu ingresso na Escola de Estudos Seizan, Chiaki se interessou pelos haicais<sup>2</sup>, estilo de poemas curtos japonês, entrou para um grupo de entusiastas e passou a compô-los. Pouco depois, foi enviado de maneira súbita e, de certo modo, inesperada, para a guerra. “Com certeza, isso provocou em meu pai um turbilhão emocional, uma angústia e um conflito interior intensos. Em meio a esse caos, escrever haicais parece ter sido um dos seus raros consolos” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 47). Em seus haicais, expressava suas aflições e o seu conflito interno como um monge obrigado a lutar.

Inicialmente, participou da Segunda Guerra Sino-Japonesa, que teve seu início em 1937. Integrou o 16º Regimento de Transporte, que fazia parte da 16ª Divisão. O 20º Regimento da Infantaria, famoso por ter sido o primeiro a chegar à Nanquim após a queda da cidade, e conhecido por seus atos violentos, fazia parte da mesma divisão. Em terra, ambos os regimentos marcharam juntos, sendo o de Chiaki responsável pelo abastecimento e segurança. Após ser dispensado, retornou, em agosto de 1939, da China para o Japão. No mês seguinte, a Alemanha invadiria a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial.

Após seu retorno, retomou seus estudos, se formando em 1941. Pouco tempo depois, no fim de 1941, foi mais uma vez convocado para servir. Dessa vez, integrou, brevemente, o 20º Regimento da Infantaria, sendo então transferido para o 53º Regimento das Tropas de Transporte. “Porém, numa reviravolta inesperada, a convocação do meu pai foi revogada dois meses depois, no dia 30 de novembro” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 69). Chegou a ser convocado uma terceira vez, em junho de 1945. No entanto, a guerra teve seu fim pouco depois e ele foi desligado do serviço militar, podendo retornar a sua vida.

Visto que, em sua segunda convocação, integrou o 20º Regimento da Infantaria, Murakami acreditava que seu pai sempre fizera parte deste regimento: “Por achar que meu pai fizera parte do 20º Regimento, demorei muito tempo para tomar coragem de pesquisar seu histórico militar” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 40). De qualquer forma, Chiaki foi recrutado em 1938, e a batalha

---

2 Atualmente chamados de *haiku*. Para manter a homogeneidade do texto, o termo haicai foi utilizado por sua presença na obra original.

ocorrida em Nanquim se deu em 1937. Logo, não poderia ter participado dela. Ao descobrir esse fato, Murakami se sentiu profundamente aliviado.

“De todo modo, foi para aqueles sangrentos campos de batalha na China que meu pai foi enviado, aos vinte anos, como soldado das Tropas de Transporte [...]” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 43-44). As vivências de Chiaki na guerra marcaram profundamente sua alma. Ele não costumava falar sobre o que experienciou enquanto estava lá, mas sentiu que precisava compartilhar uma memória em particular. “Mesmo que aquela imagem fosse permanecer como uma cicatriz no coração de nós dois” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 56). Se trata da ocasião em que sua unidade executou um soldado chinês, prisioneiro de guerra. Quando ele foi enviado à China, existia, entre os oficiais japoneses, uma recomendação para que soldados novatos executassem prisioneiros, como forma de se acostumarem ao ato de matar.

“Segundo minha mãe, meu pai levava uma vida muito desregrada na juventude. Seu corpo ainda devia guardar a pesada experiência da guerra, e a frustração de ver a vida seguir numa direção oposta à que ele pretendia também devia ser difícil” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 82). Em 1944, Chiaki entrou para o curso de letras da Universidade Imperial de Kyoto, se formando em 1947 e ingressando na pós-graduação. Abandonou os estudos em 1949, ano do nascimento de seu filho, para sustentar a família, se tornando professor de língua japonesa em uma escola.

“Meu pai sempre gostou de estudar. Os estudos eram, para ele, uma razão de viver. [...] Nossa casa sempre foi abarrotada de livros, o que pode ter contribuído para que eu me tornasse um leitor voraz na adolescência” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 59-60). Mesmo assim, não conseguiu seguir a carreira acadêmica. Impedido pela guerra e por suas responsabilidades como marido e pai, precisou deixar seus sonhos de lado, para cumprir com o que era esperado dele.

Diferente de seu pai, o autor não tinha muito interesse pelos estudos. Se dedicava aos assuntos de que gostava, dando pouca importância para aquilo que não considerava atrativo. Preferia sair com os amigos, ler, ouvir música e, por isso mesmo, suas notas não eram muito boas. Tal situação gerava conflitos com seu pai: “Vendo minha falta de dedicação, imagino que comparava a minha vida à sua própria juventude e se exasperava: ‘Você nasceu em um tempo de paz e poderia estudar à vontade, sem se preocupar com nada. Por que não se esforça?’” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 63).

“Carrego até hoje, *até os dias de hoje*, esse sentimento – ou os resíduos desse sentimento – de ter desapontado o meu pai, de não ter ficado à altura de suas ex-

pectativas” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 64). O peso das expectativas gerou um sentimento de cobrança no autor, um trauma que se perpetua até hoje. O fato de ser filho único fez com que a pressão sobre ele fosse ainda maior, uma vez que era o único que poderia conquistar o que seu pai não foi capaz.

Mas não foi apenas Chiaki que teve seus planos aniquilados. Seu irmão mais velho, Shimei, que se tornou funcionário da Receita no pós-guerra e depois assumiu o posto de monge principal no templo de sua família, desejava ser veterinário. A mãe de Murakami estava comprometida com um professor de música, com quem pretendia se casar. Porém, este faleceu na guerra. A loja de seu pai, um grande comerciante de Osaka, foi destruída pelo fogo durante os bombardeios do exército norte-americano e ela nunca se esqueceu da sensação de fugir sob rajadas de metralhadoras.

Por mais que participar da guerra tenha deixado feridas no âmago de seu pai, “[...] sobreviver enquanto seus antigos companheiros morriam em um distante campo de batalha ao sul [...] com certeza lhe deixou uma grande dor e uma profunda sensação de dívida” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 76-77). Talvez por isso levasse tão a sério o seu dever, era assim que chamava, de recitar sutras todas as manhãs. O fazia por aqueles que morreram na guerra, tanto pelos companheiros que perderam a vida, como pelos inimigos chineses.

A vida do autor também foi afetada pela guerra. Quando era criança, sua família ia com frequência ao cinema. Normalmente, assistiam à filmes americanos, de faroeste ou de guerra. Seu pai não se incomodava em vê-los. Além disso, os vestígios deixados por ela faziam parte das cenas mais cotidianas: “Perto de casa havia uma agência bancária destruída pelos bombardeios do exército norte-americano” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 12).

O próprio nascimento do autor se deu unicamente em função das consequências da guerra. O 53º Regimento, do qual Chiaki fazia parte, acompanhava a 53ª Divisão, que foi praticamente dizimada entre dezembro de 1944 e março de 1945. Esse destino foi compartilhado por aqueles que compunham o 20º Regimento da Infantaria. Se sua convocação não tivesse sido revogada, ou se não houvesse sido transferido para outro regimento, o pai de Murakami teria morrido nesta batalha. Além disso, se o pretendente de sua mãe não houvesse morrido e eles se casassem, o autor não existiria.

E é assim, através de relatos e memórias, que o autor expressa como a guerra influenciou sua vida e até mesmo, sua própria existência, e como os traumas são compartilhados por diferentes gerações. O trauma gerado em seu pai por não con-

seguir realizar seus sonhos foi transmitido a ele como o trauma de não conseguir corresponder às expectativas daquele que lhe deu a vida.

O trauma gerado no mais novo de seus tios se tornou uma série de sermões aos jovens propagandistas da extrema direita. O trauma de seu pai de ser abandonado se tornou certo medo de abandono, expresso por seu alívio ao ver que a gata havia retornado. E o trauma de estar envolvido em uma execução foi, na percepção do autor, ao menos parcialmente, transferido de forma bastante direta para sua mente, então, infantil.

Para Murakami, são transferências como as mencionadas que caracterizam as relações pessoais, e é através delas que toma forma a história. “Cada um deve receber a sua parte, por mais desagradável que seja o conteúdo, por mais que se queira desviar o rosto. Do contrário, qual seria o sentido daquilo que chamamos de história?” (MURAKAMI, Trad. Rita Kohl, 2022, p. 54).

Por meio de um relato extremamente pessoal, o autor nos introduz a suas origens. Compartilhando sobre a vida de seu pai e sobre as dificuldades que permeavam a sua relação, o autor transmite ao leitor uma parte do seu próprio ser, daquilo que o tornou o que é hoje. A obra, escrita de maneira simples, e com uma linguagem de fácil compreensão, é um bom ponto de partida para aqueles que desejam se aprofundar nos aspectos pessoais de sua vida e nos sentimentos e conflitos do autor.

No entanto, para aqueles que estão tendo um primeiro contato com o autor e desejam uma introdução ao seu universo literário, obras como *Kafka à beira-mar* e *1Q84* (trilogia) se enquadram no gênero normalmente explorado pelo autor, sendo por isso, mais adequadas.

## Referência bibliográfica

MURAKAMI, Haruki. **Abandonar um gato**: O que falo quando falo do meu pai. Tradução de Rita Kohl. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022. ISBN 978-85-5652-140-8.